

Gestor busca oportunidade em ações após quedas

Notebook: !INBOX

Created: 11/02/2019 14:48

Updated: 11/02/2019 15:12

URL: <https://www.valor.com.br/imprimir/noticia/5610233/financas/5610233/gestor-busca-oportunidade-em-acoes-a...>

ECONÔMICO
Valor

 Imprimir

21/06/2018 - 05:00

Gestor busca oportunidade em ações após quedas

Por **Adriana Cotias**

A sangria na bolsa nas últimas semanas - que levou o Ibovespa a uma queda de quase 17% desde a reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) de 16 de maio - voltou a atrair compras de fundos locais e estrangeiros, que têm garimpado pechinchas de ocasião.

A Fama Investimentos, por exemplo, aproveitou as baixas recentes nos preços das ações para reforçar posições nas empresas em que tem mais convicção de retornos promissores. Segundo o gestor Fabio Alperowitch, o caixa do fundo de ações da casa foi reduzido ao mínimo histórico, em 2%.

"Importante colocar que o tipo de empresas que investimos são pouco expostas a ciclos econômicos e, por serem pouco ou nada alavancadas, o custo e disponibilidade de crédito faz pouca diferença em seus resultados", cita.

Na última carta trimestral divulgada pela gestora, Localiza, CVC, Klabin, Raia Drogasil, BRF e BR Properties deram as principais contribuições para o desempenho do fundo. Nem todas as posições ganharam reforço e houve ainda a compra de uma nova empresa que não estava na carteira, mas que o gestor ainda não pode abrir.

Segundo lembra Alperowitch, durante os anos de recessão e baixo crescimento, entre 2013 e 2017, as empresas em que a gestora investe não só cresceram em um ritmo bastante forte (12,8% ao ano) como também expandiram suas margens, uma vez que o Ebitda avançou a uma taxa ainda mais elevada (15,3% ao ano).

"Ou seja, temos agora a oportunidade de comprar empresas sólidas, de altíssima qualidade, que se provaram durante anos difíceis, a 'valuations' bastante atrativos", afirma.

Ele cita ainda que a Fama jamais investe em estatais ou empresas reguladas, o que deixa o fundo um pouco fora do impacto direto de risco político.

Nos momentos de maior volatilidade sempre surgem oportunidades para comprar ações de empresas de qualidade a preços mais atrativos, diz Cândido Gomes, sócio-responsável pela área comercial da Constellation, gestora de ações fundada por Florian Bartunek e que tem boa parte do patrimônio nas mãos de institucionais estrangeiros. "Nas últimas semanas aproveitamos para aumentar um pouco algumas das nossas posições como Itaú, Renner, CVC e Localiza", lista Gomes.

Do lado dos clientes, ele cita que os brasileiros estão mais assustados, diminuindo um pouco o risco nos seus portfólios, na contramão do dinheiro que vem de fora. "Nossos investidores estrangeiros têm se provado bastante contracíclicos e têm aproveitado a correção das últimas semanas para alocar mais capital no Brasil."

A Saga Capital foi outra gestora que se valeu das barganhas na bolsa para voltar às compras para seus fundos multimercados e de ações, segundo o sócio-gestor Carlos Carvalho.

"Tinham algumas coisas que realmente já apresentavam uma certa assimetria levando em consideração o cenário eleitoral, como o setor bancário", afirma.

Conforme cita, ações e recibos de ações (ADR) de bancos no exterior, como Itaú, Bradesco e Banco do Brasil, tiveram forte desvalorização desde as máximas, chamando compras. Para ele, aos níveis alcançados após todo o movimento de vendas generalizadas, os papéis da Petrobras e da B3 também se tornaram interessantes.

Carvalho cita ainda que nesta semana, pela primeira vez em algum tempo, observou a entrada de recursos de estrangeiros. Em contato com gestores de "hedge funds" fora do Brasil, ele ouviu relatos de compras direcionadas ao setor bancário local. "Eles acham que já vale o risco da eleição."

Após as últimas quedas, a bolsa brasileira, de fato, atingiu preços mais atrativos e o capital externo voltou a dar as caras no pregão, confirma David Vaisberg Cohen, sócio-gestor da Paineiras Investimentos.

"Os estrangeiros, que vinham vendendo ações quase todo dia, acumulando vendas de aproximadamente R\$ 13,5 bilhões no mercado à vista desde 16 de maio, tiveram seu primeiro dia de entrada na segunda-feira, num valor ainda pequeno, de R\$ 119 milhões", afirma.

Para ele, o avanço na legislação da cessão onerosa e a marcação da data para o megaleilão de petróleo, combinado com preços mais atrativos das ações do setor financeiro, têm contribuído para o fluxo de dinheiro novo.

"Um esfriamento no noticiário eleitoral em função da Copa do Mundo e um posicionamento técnico mais 'limpo' por parte dos investidores ajudaram a impulsionar a bolsa nestes últimos dois dias", diz Cohen.

No acumulado de junho até o dia 18, o saldo de capital externo na bolsa estava negativo em R\$ 4,9 bilhões, com saídas líquidas de R\$ 8,9 bilhões no ano, conforme dados da B3.

Levantamento compilado pela Capital Markets mostrava no acumulado de junho, até o dia 18, saldo positivo entre compras e vendas principalmente entre instituições financeiras locais, incluindo bancos e corretoras (R\$ 382,3 milhões), pessoas físicas (R\$ 1,2 bilhão) e empresas (R\$ 3,4 bilhões). A exposição líquida do estrangeiro na bolsa, incluindo mercado futuro e à vista, estava em R\$ 4,37 bilhões.

Já na Seival, fundada por Arthur Chagas Gerdau Johannpeter e Carlos Groehs Chaves, os modelos quantitativos adotados pela gestora ("trend following") ainda apontam queda para a bolsa, com o fundo multimercado vendido em ações.